

ESTRATÉGIAS GRAMATICALIZADAS DE INTERAÇÃO NA FALA E NA ESCRITA: MARCADORES DISCURSIVOS REVISITADOS

Raquel Meister Ko. Freitag¹

rkofreitag@uol.com.br

RESUMO: Neste texto, faz-se uma retrospectiva sobre os estudos de marcadores discursivos, interacionais no português brasileiro, delineando o caminho da emergência e regularização do uso das formas, da fala à escrita. Retomam-se as discussões acerca do processo de mudança que origina estes elementos, a discursivização e a gramaticalização, até chegar a uma definição ampla, que os conceitua como itens linguísticos apresentam duplo funcionamento, *textual* (estabelecendo elos coesivos entre partes do texto) e *interpessoal* (mantendo a interação falante/ouvinte e auxiliando no planejamento da fala), a qual é compatível com os usos dos marcadores discursivos interacionais na fala e na escrita, elevando-os à categoria de elementos gramaticais.

PALAVRAS-CHAVE: Marcadores discursivos interacionais; Gramaticalização; Fala; Escrita.

1. INTRODUÇÃO

*Bom, olha, né? eu acho o seguinte, entendeu?*² Ao analisarmos contextos de interação, encontramos vários elementos linguísticos que não se comportam conforme a gramática normativa prescreve. A esses elementos linguísticos “rebeldes”, que têm cara de uma coisa e funcionam como outra, diferentes propostas de tratamento já foram apresentadas. Já foram jogados no “saco de gatos” dos advérbios e/ou das interjeições. Já foram considerados como elementos extrafrasais, do discurso ou da gramática. Bem ou mal, falamos de marcadores discursivos – “discourse markers”, (SCHIFFRIN, 1987). Não há consenso na literatura acerca da designação e da definição da categoria, que tem sido rotulada como *marcadores*

¹ Universidade Federal de Sergipe – Campus Prof. Alberto Carvalho/Itabaiana.

² Os dois primeiros elementos são classificados como *chamadores de atenção para o ouvinte* (ROST, 2002; MARTINS, 2003); *né?* e *entendeu?* são classificados como *requisitos de apoio discursivo* (MACEDO; SILVA, 1996; VALLE, 2001); e *eu acho* é classificado como *marcador de dúvida* (FREITAG, 2007a).

discursivos, marcadores conversacionais, operadores argumentativos, articuladores textuais, entre outros.

A descrição do comportamento dos marcadores discursivos em amostras representativas do português brasileiro, como as dos projetos NURC, CENSO/RJ, D&G, VALPB e VARSUL tem sido bastante produtiva (CASTILHO, 1989; MARCUSCHI, 1989; RISSO; SILVA; URBANO, 1996; URBANO, 1999; RISSO, 1999; SILVA, 1999; SILVA; MACEDO, 1996; MARTELOTTA, 1996, 1997, 1998, 2004; VOTRE; MARTELOTTA, 1998; MARTINS, 2003; CHRISTIANO; HORA, 2004; GORSKI; FREITAG, 2006, FREITAG, 2001, 2007b, 2008; VALLE, 2001; DAL MAGO, 2001; DAL MAGO; GORSKI, 2002; ROST, 2002; GORSKI; GIBBON, VALLE, DAL MAGO; TAVARES, 2003; GORSKI; VALLE; DAL MAGO; FREITAG, 2002; GORSKI; ROST; DAL MAGO, 2004; PINHEIRO, 2005, entre outros). Apesar de tantos estudos sistematizando seu comportamento, a categoria ainda é estigmatizada e associada a *vícios de linguagem* ou *cacoetes linguísticos*, possivelmente porque não é prevista na gramática normativa. O cenário negativo dos marcadores discursivos, entretanto, parece estar mudando, uma vez que estes elementos também podem ser encontrados na escrita (FREITAG, 2007b); para alguns, este fato pode ser encarado como uma influência da oralidade na escrita. Por outro ponto de vista, porém, podemos afirmar que os marcadores discursivos conquistaram o status de elementos gramaticais.

Neste texto, fazemos uma revisita aos marcadores discursivos – focando especificamente no subtipo *interacional* – a fim de traçar o caminho da emergência e regularização do uso das formas, da fala à escrita. Neste percurso, retomamos as discussões acerca do processo de mudança que origina estes elementos, a discursivização e a gramaticalização, até chegar a uma definição ampla, que os conceitua como itens linguísticos que podem apresentar um duplo funcionamento: tanto de caráter *textual* – estabelecendo elos coesivos entre partes do texto, como *interpessoal* – mantendo a interação falante/ouvinte e auxiliando no planejamento da fala (MARCUSCHI, 1989; GORSKI; ROST; DAL MAGO, 2004, entre outros). Esta definição é compatível com os usos dos marcadores discursivos interacionais na fala e na escrita, elevando-os à categoria de elementos gramaticais. Em seguida, apontamos indícios da normatização de marcadores discursivos interacionais, analisando sua ocorrência na escrita.

2. MARCADORES DISCURSIVOS INTERACIONAIS

O final da década de 1990 é o *babyboom* dos estudos sobre marcadores discursivos. Os primeiros estudos – no corpus do NURC – focavam a descrição de usos e propostas de tipologias (CASTILHO, 1989; MARCUSCHI, 1989), as quais começam a ser desdobradas em estudos compilados na Gramática do Português Falado (URBANO, 1996; 1999; RISSO, 1999; SILVA, 1999). É, entretanto, com “Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais” que Macedo e Silva (1996) iniciam as abordagens que correlacionam as formas ao uso social. Para uma abordagem sociolinguística, faz-se necessário definir a regra variável sob análise. Para tanto, faz-se necessário definir qual é a variável considerada. Macedo e Silva definem os marcadores discursivos como elementos envolvidos em macrofunções discursivas, como a organização das relações textuais, a manutenção da interação e o processamento da fala na memória (MACEDO; SILVA, 1996, p. 14). As autoras especificam ainda mais o conjunto dos marcadores discursivos, ao definir os *requisitos de apoio discursivo*, que assume funções de interlocução e de teste da atenção do ouvinte. A análise das formas levanta outra questão: como marcadores discursivos interacionais – os requisitos de apoio discursivo – surgem? Assim como com os marcadores discursivos, o final da década de 1990 também foi o *babyboom* dos estudos de gramaticalização.

3. EMERGÊNCIA NA FALA

Em linhas gerais, e em uma definição ampla, a gramaticalização é um processo unidirecional de mudança, e estruturas uma vez gramaticalizadas podem continuar a se gramaticalizar: o percurso de mudança de itens lexicais pode não acabar com o ganho de funções gramaticais, mas pode continuar em direção a funções de natureza pragmática, ligadas à interação e ao processamento da fala. Essas funções seriam do escopo da gramática (e decorrentes da gramaticalização) ou do escopo do discurso (e decorrentes de outro processo: a *discursivização*)? De acordo com a proposta de Martelotta, Cezario e Votre (1996, p. 60), as funções relacionadas à interação e ao processamento decorrem do processo de discursivização, gerador de estruturas automatizadas e repetitivas no discurso – os *marcadores discursivos* – que marcam relações entre os participantes ou entre os participantes e seu discurso, sem estabelecer necessariamente relações entre elementos da gramática.

Verbos de percepção, como *ver*; verbos dicendi, como *dizer* e *falar*; expressões como *olha aí* e *olha só*, que passam a servir como aviso ou pedido de atenção do ouvinte para o que vai ser dito; elementos dêiticos espaciais, etc., são potenciais candidatos à discursivização. Ao tornarem-se marcadores discursivos, revelam tendência de mudança em direção ao emprego como preenchedor de pausa, que reflete estágios mais avançados de discursivização, por ser o emprego que menos mantém traços de usos originais (MARTELOTTA; CEZARIO; VOTRE, 1996, p. 71-74).

Marcadores discursivos, entretanto, não são necessariamente elementos esvaziados, meros preenchedores de pausa. Sob o escopo dos marcadores discursivo se insere a categoria dos *requisitos de apoio discursivo* (MACEDO; SILVA, 1996), marcadores discursivos de natureza basicamente interpessoal, caracterizados por desempenhar funções relacionadas à organização da fala, nos planos:

- a) *interpessoal*, atuando como elemento de contato entre os interlocutores, pedindo a aquiescência do ouvinte e/ou mantendo o fluxo conversacional (MACEDO; SILVA, 1996);
- b) *interpessoal* e *textual*, solicitando a atenção do ouvinte para certas partes do texto dando relevo, na função de focalização, àquilo que os antecede (TRAVAGLIA, 1999; VALLE, 2001; GORSKI; GIBBON, VALLE, DAL MAGO; TAVARES, 2003);
- c) *rítmico*, atuando como marcadores de ritmo (formas automatizadas), ou ‘pontuantes’, perdendo sua modulação interrogativa (VINCENT; VOTRE; LAFOREST, 1993).

Nem sempre é possível delimitar uma função da outra, dado que os requisitos de apoio discursivo são construções originárias de verbos ou adjetivos que passam por processo de mudança linguística, e por isso, uma mesma forma pode desempenhar simultaneamente as três funções. Os requisitos de apoio discursivo atuam, primariamente, no plano *interpessoal*, dada a sua origem como pergunta (pergunta plena > pergunta semi-retórica > pergunta retórica). No plano *interpessoal* e *textual*, atuam como elementos focalizadores de informações no texto. A focalização de informações está associada à noção de *relevo* (TRAVAGLIA 1999, p. 77-81): o falante, ao formular seu texto, vale-se do relevo para i) destacar elementos específicos dentro do texto em relação a outros (relevo positivo); e ii) ocultar ou rebaixar certos elementos em relação a outros (relevo negativo).

A função de relevo positivo recobre funções mais específicas como: ênfase, intensificação, marcação de um valor especial, estabelecimento de contraste, reforço de um

argumento, sinal de importância para a estrutura ideacional/informacional, marcação de foco informacional, etc., marcadas por diferentes recursos linguísticos, (aspectos fônicos, itens lexicais, elementos morfológicos, estruturação sintática, parênteses, recursos expletivos), dentre os quais se inserem os marcadores discursivos.

A focalização de informações pode ser considerada uma função de natureza *interpessoal*, pois o falante, por meio de requisitos de apoio discursivo, chama a atenção para determinado trecho ou elemento textual com objetivos pragmáticos de ativar a informação na memória do interlocutor, checar a compreensão do que foi dito, destacar certas informações em relação a outras, etc., e também uma função de natureza *textual*, pois os requisitos de apoio discursivo podem ser usados para dar relevo a itens e trechos do texto com o objetivo de organizar o texto, ordenando segmentos textuais.

Em suma, os requisitos de apoio discursivo são elementos que se encontram num processo de mudança linguística que os tem levado de um uso originariamente como verbo lexical pleno (função referencial) a um uso interativo revestido de valores pragmáticos no discurso. Apesar da origem verbal, as formas destacadas em (1) não se comportam como flexões dos verbos *entender*, *saber* e *ver*.

(1) mas a mi::nha mulher foi FUNdamental:: (hes) em todos os sentidos... pela força que ela me deu coragem ela segurou um TRAnco enORme por que se na época eu ganhava ... quatrocentos ela ganhava QUATro mil... *entendeu?* Há um tranco diferente o meu... mal dava pra pagar a faculdade e o táxi... que eu ia de táxi todo dia pra faculdade e voltava ... e voltava que eu não sabia e nem:: sei ainda hoje rodar de ônibus em Aracaju... *entendeu?* Ela segurou um tranco até eu até me reestruturar:: até eu conseguir guardar o MEU dinheiro depois que eu paguei todo mundo... depois guardei meu dinheiro comecei a gerenciar esse dinheiro de forma responSÁvel... e hoje digo a você que eu não passo mais aperto... não passo posso ficar digamos assim:: um:: ano sem trabalhar:: que eu não vou passar aperto... mas a minha vontade é que esse isso não venha acontecer... (MA 03)³

Em sua trajetória de mudança, *entendeu?*, *sabe?* e *viu?*, inseridos em início de construções plenamente interrogativas que solicitam a aquiescência do ouvinte, incorporam

³ Os dados foram retirados da amostra Entrevistas Sociolinguísticas, do banco de dados do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (GELINS). A classificação das entrevistas do banco de dados do GELINS provisoriamente é formada pela sigla informando o sexo do falante (F para feminino e M para masculino) e a faixa etária (J para 16 a 25 anos, A para 25 a 49 anos e B para mais de 50 anos). O número ao final refere-se ao informante. A classificação por tempo de escolarização ainda não foi implementada.

traços pragmáticos de interessoalidade, relacionados a atos de fala diretos. Deslocando-se para outros pontos na frase acabam por ocupar posições que não são ocupadas por verbos e fixar sua forma, tornando-se invariáveis (ou estando a caminho de ficar invariáveis) cristalizando-se em um tempo e pessoa específicos. Assim, um dos aspectos mais visíveis que diferenciam as formas usadas como requisitos de apoio discursivo das formas verbais é sua fixação em uma certa forma, entonação e posição linguística. Segundo Macedo e Silva (1996, p. 17) *entendeu?*, *sabe?* e *viu?* diferenciam-se dos respectivos verbos de origem por receberem uma pronúncia mais rápida, maior contorno interrogativo, fixando-se em final de enunciado e na terceira pessoa.

Vejamos mais alguns exemplos de requisitos de apoio discursivo em (2).

(2) aí:: fiquei lá um tempo fiquei um mandato de três anos e quatro meses ... depois eu saí:: vendi:: as máquinas que eu tinha de Xerox ... éh... tirei meu nome da razão social do bloco que... que tínhamos e:: fui:: botar:: meu negócio ... lanchonete sorveteria:: ... um um bar::... e e não consegui na verdade sozinho gerenciar tudo *né?* (hes) não consegui tomar conta na verdade e:: ... nos nos primeiros quatro meses primeiro peguei a Mícarana de dois mil e dois e um me paREce ... micarana de dois mil e dois:: ... e deu MUito dinheiro *né?* só aquilo subiu pra mente o cara era muito novo *né?*(MA 3)

Em um estágio mais avançado da mudança linguística, os requisitos de apoio discursivo funcionam como marcadores de ritmo da fala, já com a sua massa fônica reduzida, esvaziados de significado referencial e do contorno interrogativo da pergunta que o originou. Nesta subcategoria, estão os marcadores como *né?* (e também *tá?* (MARTELOTTA, 1997), que apesar de serem formas reduzidas, extremamente recorrentes e esvaídas de significado referencial, desempenham a função de manter e ritmar o turno do falante. Assim, os requisitos de apoio discursivo não podem ser considerados elementos apenas de interação, estritamente pragmáticos. Eles desempenham funções gramaticais, relacionadas à organização do texto, e desse modo, podem ser considerados decorrentes do processo de gramaticalização. Traugott (1995) revisita o papel de elementos que, em princípio, se afirmava estarem passando pelo processo de discursivização, mais especificamente, os marcadores discursivos, discutindo o lugar que o desenvolvimento de marcadores discursivos ocupa em uma teoria da gramaticalização, especialmente quanto à unidirecionalidade do processo. Traugott defende que os marcadores discursivos também podem ser tratados dentro do paradigma da gramaticalização. Para tanto, é preciso adotar uma visão alargada de gramática que engloba,

além de fonologia, morfossintaxe e semântica, também aspectos comunicativos da linguagem, inferências que surgem da forma linguística (como topicalização e dêixis), excluindo somente certos aspectos pragmáticos que incluem conhecimento enciclopédico. Com essa visão de gramática, a definição de gramaticalização é ampliada: gramaticalização é o processo pelo qual um item lexical, impulsionado por um certo contexto pragmático e morfossintático, torna-se gramatical (TRAUGOTT, 1995, p. 1).

Vejam os casos dos requisitos de apoio discursivo. A trajetória comum de mudança dos requisitos de apoio discursivo envolve processo de abstratização, cujo estágio inicial é em contextos de perguntas plenas, passando a o uso em contextos totalmente interrogativos, pergunta semi-retórica, em que o falante responde à sua própria pergunta, e por fim, a construção encontra-se em contexto interrogativo totalmente retórico. A trajetória de mudança dos itens até seu uso como requisitos de apoio discursivo, por gramaticalização, segue a direção *ideacional > interpessoal > textual* (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991).

Além da expansão metafórica, as formas sofrem mudança semântica que evidencia sua função interpessoal. Em contextos em que assinalam relações, os requisitos de apoio discursivo parecem ter ressaltada sua carga textual, funcionando como encadeadores do discurso oral. As três funções da linguagem não se excluem e o fortalecimento do valor textual dos requisitos de apoio discursivo não faz desaparecer seu aspecto interpessoal.

Como vimos, os marcadores discursivos interacionais surgem na fala; estudos em amostras faladas do português brasileiro apontam a sistematização do uso e sugerem explicações sobre sua origem e trajetória de mudança. Porém, por serem característicos e recorrentes na fala, os marcadores discursivos costumam ser estigmatizados, rotulados como vícios de linguagem (FREITAG, 2007b). O cenário, entretanto, parece estar em mudança, uma vez que estudos apontam que marcadores discursivos interacionais estão adentrando nos domínios da escrita, como veremos na seção a seguir.

4. MIGRAÇÃO PARA A ESCRITA

Apesar do estigma social que cerca o uso de marcadores discursivos em contextos de maior formalidade, encontramos facilmente indícios de que estas estruturas já estão sendo incorporadas à norma padrão da língua portuguesa. Assumindo a definição de Perini (1998, p. 26), de que a norma padrão é “variedade da língua que se manifesta de maneira uniforme nos textos técnicos e jornalísticos de todo país”, podemos considerar que a presença de

marcadores discursivos, especialmente os requisitos de apoio discursivo, em textos escritos de natureza jornalística seja indício de normatização (FREITAG, 2007b; RODRIGUES, 2008). Tome-se o jornal Folha de São Paulo. O manual de redação de um jornal tem por objetivos delinear a concepção do jornal, além de prescrever opções de linguagem e reforçar regras gramaticais: “Na reprodução de declaração textual, seja fiel ao que foi dito, mas, se não for de relevância jornalística, elimine repetições de palavras ou expressões da linguagem oral: um, é, ah, né, tá, sabe?, entende?, viu?.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1996, verbete “declaração textual”). Ou seja, marcadores discursivos interacionais não são proibidos pelo manual de redação do jornal; podem ser usados desde que haja relevância jornalística (o que quer que isto seja); marcadores discursivos interacionais devem ser eliminados, desde que não tenham relevância jornalística. Se o *né?* está presente na transcrição da entrevista, significa que o transcritor atribuiu valor à expressão. O contexto da publicação – o caderno Ilustrada –, destinado à publicação de notícias do mundo das artes e variedades, permite maior liberdade em relação ao uso da língua, aproximando-se muito ao uso coloquial, como pode ser visto na entrevista da cantora Maria Rita, em (3).

(3) Folha - Qual a diferença entre os dois discos? Qual foi a diferença entre fazê-los?

Maria Rita - A diferença é na ansiedade, talvez. Antes havia expectativa, cobrança. Mais pelo lado de fora do que para mim. Do lado de fora havia pressão, a gente sentia a expectativa. Esse foi uma coisa menos ansiosa, do lado de fora para cá.

Folha - Na produção também?

Maria Rita - Não, acho que não. Acho que os dilemas existem independente de que disco é, independente da pressão exterior ou interior. Eu tinha os meus dilemas. Uma preocupação com o estético da coisa. “Faço regravação ou não? *Ah*, será que vai parecer fórmula, será que não vai parecer fórmula?” Ficava muito na cabeça. A partir do momento em que eu deixei passar ficou muito mais natural. Que é só o que eu sei fazer, também. Quando eu penso muito não funciona. O intuitivo para mim sempre fala mais alto e sempre vence.

Folha - No segundo disco as pessoas vão te ouvir mais pela música, já mataram aquela primeira curiosidade?

Maria Rita - *Acho que sim. Porque tinha uma bolha à minha volta, né? No primeiro já se dissipou muito da curiosidade logo no início. As comparações, as substituições, a possibilidade de substituição, as diferenças dos indivíduos – eu, minha mãe, meu pai, meus irmãos – e acho que ficou tudo no lugar.*

Folha - Comparando a produção dos dois discos, não parece haver uma diferença muito grande. Tem a mesma formação, foi gravado ao vivo...

Maria Rita - *Mas é bem diferente, né? Eu sou muito envolvida no projeto de produção, então não dá para falar da produção do Tom Capone ou da produção do Lenine.*

Nesse disco eu assino a produção também, o outro eu assinava a co-produção. Co-produtor tem uma responsabilidade um pouco menos intensa. Mas eu me envolvi muito em ambos processos. Ainda assim, a formação da base é a mesma, mas no primeiro disco tinha percussão, tinha violão, algumas outras sonoridades.

Folha - No caso do primeiro disco, uma das grandes questões era de como seria o segundo disco, como com qualquer artista que lança um disco de estreia e faz sucesso. E, basicamente, foi uma continuação. Arranjos parecidos, uma canção em espanhol, regravações, podemos tomar isso como uma reta?

Maria Rita - *Não, não, não, não, não, não.* Não tem fórmula nenhuma. Antes de entrar em estúdio, eu tive esse momento introspectivo comigo mesma de “como é que eu vou fazer?”, e isso estava totalmente na cabeça. “Ai, se chegar uma música em espanhol, por que eu não vou gravar, por que eu tenho que me podar, porque estava no outro disco, e o outro disco fez sucesso? E esse não vou poder?” Aí eu resolvi que tem que bater na emoção. Porque sempre tudo na minha vida foi nisso. Foi a minha verdade, foi no meu tempo. Não vou começar agora a desviar disso por medo que alguém vá dizer que eu fiz uma fórmula. Não existe fórmula. O primeiro disco teve muito mais regravações do que esse. *De certa forma, o segundo é uma continuação do primeiro, mas não é -é outro momento, né?* As letras são outras, são outras histórias sendo contadas. Não esperem que eu estacione agora.⁴

Além da presença do requisito de apoio discursivo *né?*, repetições características da linguagem oral (e fadadas à eliminação, de acordo com o manual de redação do jornal) foram mantidas, como na resposta à última pergunta. Os requisitos de apoio discursivos foram mantidos, como característica do falar da entrevistada, ainda que o texto tenha passado pelo processo de revisão e adequação à norma padrão. A estrutura de uma entrevista está pautada na relação estabelecida entre falante/ouvinte (que se alterna entre entrevistador/entrevistado). O falante faz uso de estratégias para certificar-se da atenção do ouvinte, pedir sua concordância e também manter aberto o canal comunicativo. Estas são

⁴ Folha de S.Paulo - Maria Rita dá continuidade ao CD anterior - 16/09/2005. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1609200506.htm>>. Acesso em 28/05/2009.

características do uso interpessoal dos requisitos de apoio discursivo, a função mais básica na escala de mudança pela qual passam.

Outro contexto de uso de requisitos de apoio discursivo nos textos do jornal é em fala reportada, como no trecho (4).

(4) Assim, quando os leitores se manifestam é uma grande satisfação; quando, ainda por cima, o fazem em quantidade e qualidade torna-se mesmo uma alegria. Além disso, as mensagens dos leitores abordaram outros aspectos da mesma questão que escaparam à coluna; passo então a palavra a eles. Uma leitora de Belo Horizonte, com uma lógica cristalina e irrefutável, se pergunta: “Se vamos pagar, não haverá propaganda, *certo?* Na TV aberta, quem paga o que vemos são as propagandas dos intervalos, na outra, eu pago e pronto”. Claro, a leitora já se deu conta que não é bem assim: apesar de o raciocínio fazer todo o sentido, continuamos pagando duplamente.⁵

A colunista Mônica Bergamo reporta a fala de uma leitora, e indica que a função do requisito de apoio discursivo *certo?* é buscar a concordância do leitor com a sua afirmação, função interpessoal dos requisitos de apoio discursivos. Tanto no caso da entrevista, como no caso da fala reportada, alguns marcadores discursivos são mantidos, apesar da prescrição do jornal. Podemos interpretar esta presença como uma estratégia discursiva, para evidenciar o caráter informal dos textos. Seriam, neste caso, “marcas de oralidade na escrita”? Ou os jornalistas reconhecem as estruturas como pertencentes a uma categoria, que embora não seja reconhecida pela gramática normativa, apresenta funções específicas relativas à organização da fala? O uso de requisitos de apoio discursivo nos textos do jornal Folha de São Paulo vai além do plano interpessoal. Observem-se os excertos (5) e (6) a seguir, em que os requisitos de apoio discursivo *certo?* e *né?* desempenham funções relativas à organização textual.

(5) Você já ouviu falar na São Paulo Fashion Week, *certo?* É o maior evento de moda do país. (grifos meus)⁶

(6) *Sabe* o ator Brendan Fraser, *né?* Que fez os blockbusters da múmia e andou conversando com o Patolino? Então, ele está em São Paulo. Veio com o rapper Mos Def para um

⁵ Folha de S.Paulo - Crítica: Com a palavra: leitores-telespectadores - 23/10/2005. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2310200525.htm>> Acesso em 28/05/2009.

⁶ Folha de S.Paulo - Amni Hot Spot mostra os estilistas do futuro - 17/10/2005. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1710200505.htm>> Acesso em 28/05/2009.

projeto de cinema que inclui o titã-ator Paulo Miklos. Mas aí, no dia da sua chegada, semana passada, o cara rumava em direção ao seu hotel de luxo, nos Jardins. Numa van. Aí, quando a van chegou à porta do hotel, foi cercada por um monte de gente. “Poxa, já me descobriram?”, indagou o ator famoso. “Vocês são do Whitesnake?”, perguntou um dos assediadores.⁷

Os excertos também foram retirados do Caderno Ilustrada. Nos dois casos, a estrutura destacada em itálico (verbos de cognição/percepção) tem o propósito de ativar na memória do interlocutor referentes conhecidos ou disponíveis, (o ator Brendan Fraser, São Paulo Fashion Week). Os requisitos de apoio discursivo complementam a estrutura de ativação, desempenhando a função de focalizadores, além de buscarem a aquiescência do leitor. Nestes casos, não se trata de fala reportada ou entrevista; a situação comunicativa é entre escritor e leitor. Não há turno a manter, nem canal comunicativo a testar. A ocorrência é um indício de que os requisitos de apoio discursivo são elementos de uma categoria gramatical, assim como o verbo, o substantivo e o pronome o são. A evidência oriunda de textos jornalísticos vem a consolidar os requisitos de apoio discursivo como elementos da gramática da norma padrão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O retrospecto dos estudos e os seus desdobramentos apontam que, apesar de ainda não serem reconhecidos pela gramática normativa, os marcadores discursivos interacionais se firmam como elementos de uma categoria, dado o seu comportamento sistemático e os indícios de normatização em contextos de escrita. Assim como a mídia, sempre aberta às inovações, a escola também deve também incorporar os avanços de pesquisas linguísticas e inserir a categoria dos marcadores discursivos nos programas de educação linguística em língua materna. O estudo da emergência e do comportamento dos marcadores discursivos, especialmente a trajetória entre a emergência na fala e a migração para a escrita, contribui para a discussão quanto à relação estabelecida entre fala-escrita, se dicotômica, se contínua. É, pois, um campo em aberto.

⁷ Folha de S.Paulo - Popload: Brendan, Goo e Franz - 16/09/2005. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1609200510.htm>>. Acesso em 28/05/2009.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira. *Português Culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1989.
2. CHRISTIANO, Maria Elizabeth; HORA, Dermeval da. Item linguístico ‘pronto’: entre a gramaticalização e a discursivização. In: CHRISTIANO, Maria Elizabeth; SILVA, Camilo Rosa; HORA, Dermeval da. *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Ideia, 2004.
3. DAL MAGO, Diane. ‘Quer dizer’: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística). Curso de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina.
4. DAL MAGO, Diane; GORSKI, Edair. “Quer dizer”: um elemento linguístico com múltiplas funções. In: VANDRESEN, Paulino. *Variação, mudança e contato linguístico*. Pelotas: Educat, 2002.
5. FOLHA DE SÃO PAULO. *Novo manual de redação*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_redacao.htm>. Acessado em 02/06/2009.
6. FREITAG, Raquel Meister Ko. Marcadores discursivos interacionais na fala de Itabaiana/SE. *Revista do GELNE*, v. 10, 2008.
7. FREITAG, Raquel Meister Ko. Marcadores discursivos não são vícios de linguagem. *Interdisciplinar: revista de estudos de língua e literatura*, v. 4, p. 22-43, 2007b.
8. FREITAG, Raquel Meister Ko. Mudar para variar, variar para mudar: tratando da variação e mudança de acho (que) e parece (que) parentéticos epistêmicos na fala de Florianópolis. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 4, 2007a.
9. FREITAG, Raquel Meister Ko. O uso de ‘tá?’ e ‘certo?’ na fala de Santa Catarina. In: *Working Papers em Linguística*, 5. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.
10. GORSKI, Edair Maria; FREITAG, Raquel Meister Ko. Freitag. Marcação e comportamento sociolinguístico de marcadores discursivos interacionais na fala de Florianópolis In: VANDRESEN, Paulino. *Variação, mudança e contato linguístico*. Pelotas: Educat, 2005.

11. GORSKI, Edair Maria; GIBBON, Adriana de Oliveira; VALLE, Carla Regina Martins; DAL MAGO, Diane; TAVARES, Maria Alice. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: RONCARATI, Cláudia Nívea; ABRAÇADO, Jussara. *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.
12. GORSKI, Edair; ROST, Cláudia Andréa ; DAL MAGO, Diane. Aspectos pragmáticos da mudança via gramaticalização. In: CHRISTIANO, Maria Elizabeth; SILVA, Camilo Rosa; HORA, Dermeval da. *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Ideia, 2004.
13. GORSKI, Edair; VALLE, Carla Regina Martins; DAL MAGO, Diane; FREITAG, Raquel Meister Ko. Gramaticalização/discursivização de itens de base verbal: funções e formas concorrentes. In: *Estudos Linguísticos*, v. XXXI, 2002. São Paulo.
14. HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederik. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
15. MACEDO, Alzira Tavares; SILVA, Gisele Machline de Oliveira e. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais In: MACEDO, Alzira Tavares de; RONCARATI, Cláudia Nívea; MOLLICA, Maria Cecília. *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
16. MARCUSCHI, Luiz Antônio. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Português Culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1989.
17. MARTELOTTA, Mário Eduardo. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura; MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2004.
18. MARTELOTTA, Mário Eduardo. Trajetórias verbo > marcador discursivo. In: VOTRE, Sebastião Josué; MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Trajetórias de gramaticalização e discursivização*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ 1998.
19. MARTELOTTA, Mário Eduardo. Uso do marcador discursivo tá? In: *Veredas*, v.1, n.1, 1997.
20. MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE; Sebastião Josué, CEZÁRIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
21. PERINI, Mário. *Gramática descritiva do Português*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

22. PINHEIRO, Clemliton Lopes. *Funções textuais-interativas dos marcadores discursivos*. In: *Leitura*, n.35, 2005.
23. RISSO, Mercedes Sanfelice. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura Bom, Bem, Olha, Ah, no português culto falado. In: NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do português falado*. Vol. VII Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1999.
24. RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Gisele Machline de Oliveira e; URBANO, Hudinilson. Marcadores Discursivos: Traços definidores. In: KOCH, Ingedore Villaça. *Gramática do português falado*. Vol. VI. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1996.
25. RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Gisele Machline de Oliveira e; URBANO, Hudinilson. Marcadores Discursivos: Traços definidores. In: KOCH, Ingedore Villaça. *Gramática do português falado*. Vol. VI. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1996.
26. RODRIGUES, Anita de Lima Simões. O funcionamento dos marcadores discursivos no processo de retextualização de entrevistas jornalísticas. In: Seminário do GEL, 56, 2008, *Programação...* São José do Rio Preto: GEL, 2008. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/?resumo=4137-08>>. Acesso em: 28/05/2009.
27. ROST, Claudia Andrea. *Olha e veja: multifuncionalidade e variação*. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística). Curso de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina.
28. SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
29. TRAUGOTT, Elizabeth Closs. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. Comunicação apresentada no XII *International Congress of Historic Linguistics*, 1995. Disponível eletronicamente em <<http://www.stanford.edu/~traugott/ect-papersonline.html>>. Acessado em 08/12/1998.
30. TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O relevo no português falado: tipos e estratégias, processos e recursos. In: NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do português falado*. Vol. VII Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1999.
31. URBANO Hudinilson. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do português falado*. Vol. VII Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1999.
32. VALLE, Carla Regina Martins. *SABE? ~ NÃO TEM? ~ ENTENDE?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivos*. 2001. Dissertação (Mestrado

em Linguística). Curso de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina.

33. VINCENT, Diane; VOTRE, Sebastião; LAFOREST, Marty. Grammaticalisation et post-grammaticalisation. In: *Langues et Linguistique*, n. 19, 1993.

RESUMO: Neste texto, faz-se uma retrospectiva sobre os estudos de marcadores discursivos, interacionais no português brasileiro, delineando o caminho da emergência e regularização do uso das formas, da fala à escrita. Retomam-se as discussões acerca do processo de mudança que origina estes elementos, a discursivização e a gramaticalização, até chegar a uma definição ampla, que os conceitua como itens linguísticos apresentam duplo funcionamento, *textual* (estabelecendo elos coesivos entre partes do texto) e *interpessoal* (mantendo a interação falante/ouvinte e auxiliando no planejamento da fala), a qual é compatível com os usos dos marcadores discursivos interacionais na fala e na escrita, elevando-os à categoria de elementos gramaticais.

PALAVRAS-CHAVE: Marcadores discursivos interacionais; Gramaticalização; Fala; Escrita.

ABSTRACT: In this text, a retrospective approach about discursive markers studies in Brazilian Portuguese is presented. It is delineated the paths of emergence and use regularization of form, from spoken to written contexts. Discussions about the change process that origins this forms are included. A broad definition is proposed: interactional discursive markers present dual function: textual (establishing cohesive links between parts of text) and interpersonal (maintaining the interaction between speaker/listener and helping in speech planner). This definition is compatible with discursive markers uses in the spoken and written, and it promotes the elements at a grammatical category.

KEYWORDS: Interactional discourse markers; Grammaticalization; Spoken; Written.

Recebido no dia 05 de junho de 2009.

Artigo aceito para publicação no dia 26 de junho de 2009.